

Página do Artista

Paulo Vivacqua*

Visagem#1 (polifonia), nome provisório para processo – trabalho em andamento, Amsterdam, 2015

Notas de Passagem ou Curso em Desvio

Amsterdam, 7 de Agosto de 2015

São os títulos para este texto que terminaram por se juntar ambos em único título. Foi pensando assim em trazer essa vivacidade do pensamento na linguagem, sem dar contornos estritos, que o texto foi construído, buscando na medida do que se apresentava, uma relação com a fluência da música e a polifonia de sentidos e leituras decorrentes das palavras e das frases, assim como desvios inesperados de um curso ou até de uma interrupção abrupta.

Foi nesse desvio que minha trajetória se deu (lá pelo ano 2000), desde uma formação em música e composição, escrita e eletroacústica, para o campo híbrido das artes plásticas, que partindo de uma abordagem do som e sua relação com os demais campos das demais artes, principalmente seus contextos de apresentação e vivências configura o que chamo arte sonora.

10 de Agosto de 2015

Visagem#1 (polifonia), é o nome provisório que se me afigura para o trabalho a ser realizado em minha residência artística em Amsterdam (sendo convidado da plataforma Tarsila), *Relatos e Visagens*, o nome da exposição. A ideia do trabalho, à princípio, tinha como referência o livro

*Paulo Vivacqua tem formação em música, piano e composição, escrita e eletroacústica. Elabora sua obra a partir de um cruzamento de planos sonoro, plástico e linguístico. Suas esculturas, objetos e ambientes sonoros ativam narrativas do espaço, paisagens temporárias. Seus trabalhos procuram por esse território híbrido entre som/tempo e o espaço físico/localizado.

Turista Aprendiz, de Mário de Andrade, que traz consigo um conjunto de relatos dispersos entre a crônica e um diário que escreve durante sua viagem pelo rio-região amazônica, no mesmo período em que está escrevendo seu livro seminal, Macunaíma (o breve épico que narra as desconexas peripécias do anti-herói brasileiro). Inspirado na forma dispersa de sua escrita e partindo de outros estudos paralelos acerca da Amazonia, tanto de historiadores, cronistas quanto antropólogos fui tecendo o trabalho relatos: discursos, textos falados, gravados ou escritos. A ideia aqui era separar, dispor vários textos e gravações de diferentes períodos e origens para ativá-los através de releituras, justaposições e sobreposições, no sentido de gerar, através do cruzamento, novos sentidos e interpretações na condução dessas vozes; polifonia incompleta sempre aberta, como um alagado de rios que se espriam e se retraem de acordo com as vazantes.

O fluxo permanente e circular das águas nos canais de Amsterdam me evocam movimento contínuo, vocal e polifônico, da música do último período de Orland di Lassus, em sua obra Hieremiae Prophetae Lamentationes. Essa simples analogia aos rios são o suficiente para cruzar voz, texto e a plasticidade de diversos materiais como os fios e falantes usados na instalação física e no desenho (ponto e linha) do trabalho no espaço. Assim Visagem#1 se constrói a partir do entrelaçamento das vozes indígenas com a polifonia do período flamengo nos Países Baixos, fisicamente instalados nas paredes os falantes e fios (ponto e linha) se conectam de modo a sugerir a imagem de um mapa que se assemelha as linhas do mapa de Amsterdam, recortada por seus canais e ruas curvas.

No mesmo processo de formação (forma em ação) os relatos são confeccionados, em um constante fazer e desfazer de cenários, comentários e estórias.

12 de agosto 2015

Hoje ao acordar me dei conta que levaram a bicicleta que peguei emprestada há não mais que 3 dias atrás e penso, estou em Amsterdam, deu bobeira eles levam sua bike sem perdão (não prendi a tranca ao corpo da bicicleta, mas apenas na roda. ingenuidade minha). dizem que passa uma Kombi à noite levando várias, a universal máfia da bicicleta, aqui porém, mais tradicional e sofisticada.

13 de agosto de 2015

Sem problemas, andar a pé é praticamente uma forma de musicoterapia, harmoniza os ritmos orgânicos do corpo. Já, de bicicleta, a velocidade e o fato de manter seus reflexos motores mais aguçados e a objetividade do lugar de destino, limitam muito a escuta existencial e desinteressada do passo a passo. Peripatético. (...)

Entretido entre estudos, entusiasmado com a idéia de iniciar um projeto inacabado sobre um projeto inacabado de Mário de Andrade. Índios Do Mi Sol. Por uma etnomusicologia imaginária. "É curioso que só tinham concepção de deuses do mal. um deus bom não possuíam. A mitologia deles era francamente demonologia perversa como o diabo. Aliás, nesse povo tão cheio de bom-sendo, o conceito do Bem era tão diluído ou indiferente que a bem dizer não existia. Tinham várias frases, com modificações musicais sutis pra designar qualquer noção maléfica, mas pra designar a noção benéfica contrária, quando possuíam, apenas uma frase única, genérica e geral. Assim, por exemplo, contestar quarenta maneiras diferentes de dizer "tenho fome". Ora esta era justamente uma das causas da grandeza dos índios Do-Mi-Sol, pois tinham feito da vida um mal a conquistar, um demônio a abrandar. Eram, no fundo, mas no fundo apenas ideal, uns inscontentados. E disso lhes vinha ao mesmo tempo uma atividade enormemente progressista, um conformismo a toda prova.

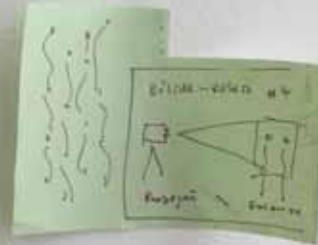
Para se perceber quanto era sensível esta noção pessimista da existência, basta lembrar a palavra que principiada num determinado som mais grave, por meio do embalo de um grupetto atingia a quinta superior. Notei logo nas primeiras horas que essa música era repetidíssima e quando lhes perguntei o sentido me responderam que significava "inimigo". Fiquei muito sarapantado, pois então pude realizar que era a música com que todos se tratavam mutuamente, e pus minhas dúvidas ao intérprete. Este, coitado, não era muito sabido e principiou insistindo forte que o tal fraseio significava "inimigo" sim. Mas o filósofo, que estava ao lado, escutando com paciência, principiou chilreando mansinho e o intérprete escutou, escutou e me esclareceu o caso. É que na língua do Do-Mi-Sol a intensidade da emissão, os fortes, os pianos, os crescendos e decrescendos não só davam variantes de significados as expressões, como as podiam modificar profundamente. Não fundamentalmente porém. E este era o caso da palavra em discussão. Os Do-Mi-Sol não tinham nenhuma palavra pra indicar o amigo, o companheiro, o chefe, o proprietário, o escravo, nada disso. Só tinham mesmo uma palavra

para designar a inter-relação entre os seres humanos do mesmo sexo e não da mesma família, e essa palavra era aquela, “inimigo”. Mas se pronunciada em fortíssimo, por exemplo, a palavra tomava as nuances de conceituação do “chefe”; ao passo que em pianíssimo, significava “amigo”, sem por isso perder a noção preliminar de “inimigo”. A mim, logo de início, desde que botei atenção naquela semântica ativa, notei que todos me tratavam num mezzoforte que ia em decrescendo, o que significava, mais ou menos, “inimigo curioso, desprezível por ser de raça inferior”. Mas no fim das nossas relações já quase todos, com exceção de uns quatro ou cinco, me tratavam em pianíssimo com tendência crescente, o que não deixou de me sensibilizar.” [in *O Turista Aprendiz*, Mário de Andrade, 1927].

E foi assim mais ou menos para não me estender indefinidamente, sobre um texto que nunca termina, que fui me imbuindo da ideia do discurso como um forma de escultura, e como no jogo de sentido e som, podia se construir cenários e desenhar formas a partir da linguagem falada ou escrita, desde a descrição tanto de paisagens quanto de lugares e trajetos, quanto pensamentos e coisas invisíveis, mas sentidas, como o vento. Manter aberta essa percepção, como um canal musical do pensamento sempre se construindo e destruindo, em um fluxo constante como um rio.

Estes relatos, portanto, partem de uma escrita-escuta polifônica, de múltiplas leituras (entre elas amazônicas), recortes de textos ou vozes deslocados, transfigurados, como a transposição de um rio. Partindo do rio como discurso, e este mesmo, como um desvio de curso.





Rantai — Amman
 a. Rantai #
 1. Rantai #
 2. Rantai #
 3. Rantai #
 4. Rantai #
 5. Rantai #









